

# Mais 500 anos

RAFAEL GRECA

**A** comemoração pelos 500 anos proposta pelo governo do presidente Fernando Henrique Cardoso não pretende propriamente festejar o desembarque dos portugueses de Cabral, mas aproveitar a ocasião para saudar a Nação brasileira pela sua fundação, estimular-lhe a auto-estima e apresentar obras capazes de colaborar na base da construção dos 500 anos seguintes, desenhando um estilo que nos introduz no novo milênio.

Assim, se evocamos o passado, pensamos em resgatar a contribuição que pode oferecer ao futuro, num processo onde o centro das atenções e compromissos é a nossa gente, a brasileira, o brasileiro, seja pela soma de experiência de outros séculos que representa ou pela necessidade de garantir-lhe o desenvolvimento sustentável.

Comemorar é conhecer. Comemorar o que somos. Conhecer o que somos. O que dizer de uma nação da qual se afirmava, ainda há pouco mais de cem anos, não ter povo porque o índio, o negro e o branco representavam a dispersão racial, mais do que o amálgama de uma fusão harmoniosa, bela, esfuizante e alegre de etnias? Onde chegou essa nação, que neste século teve Santos Dumont e depois Ayrton Senna, sem esquecer o Jeca Tatu entre eles? Onde poderemos estar?

Na busca do futuro e consolidação do presente, temos para estes dias uma agenda de festas na Costa do Descobrimento, acompanhadas de obras capazes de permitir à gente do lugar, índios e não índios, o desenvolvimento sustentado pela exploração de todo o seu potencial, extremamente favorável, de meio ambiente, cultura, história e tradições populares. Então, é preciso que as comemorações provoquem a auto-estima da

nossa gente, por uma razão simples. Ninguém se interessa em visitar uma casa se os seus moradores nela não se sentem satisfeitos, se não a apreciam.

Nessa direção, as obras destinam-se a permanecer depois das festas, gerando trabalho e renda para os do lugar, assegurando a continuidade do desenvolvimento social pelo futuro afora, tendo como base o potencial local. Acaba a festa, mas não acaba o trabalho para os locais, apoiados em um ambiente ecológico e urbanístico digno. Trabalho que não se limita às temporadas de mar, praia e água-de-coco.

É a nossa estratégia. Por isso, na Costa do Descobrimento, em parceria com o Governo da Bahia, promovemos um considerável esforço de revitalização urbanística, adequação ambiental, promoção social de índios e não-índios. Praias foram despoluídas. Instalamos o saneamento básico, construímos habitações populares dignas. Numa perspectiva de cidadania plena, ficou o meio ambiente preservado, o patrimônio cultural respeitado e restaurado.

Todas as intervenções do Governo federal em Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, por intermédio dos ministros do Esporte e Turismo e da Cultura, deixaram de lado o triunfalismo. Trocou-se o "erguer monumentos" pela correção ambiental, social e urbanística. É de se ver o que foi feito em Coroa Vermelha, local do desembarque de Cabral, do primeiro encontro entre os portugueses e os índios tupinambás. A área, reserva indígena criada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em julho de 1998, estava totalmente degradada antes do programa de obras. Esgoto a céu aberto. Edificações irregulares, 618. Na praia, 39 grandes barracas para a venda de cerveja e água-de-coco. Totalmente obstruída pelas barracas a visão paradisíaca do horizonte de areia, mar e coqueirais. Casebres

sem água encanada, sem saneamento, se alternavam com edificações em alvenaria, de invasores brancos, algumas de dois andares. Era precária a escola local. Posto de saúde não havia. Viviam-se da venda de artesanato em barracas cobertas de piaçava.

Em homenagem aos 500 anos do Brasil, a área transformou-se totalmente. Desde janeiro de 1999, o Governo federal investiu ali cerca de R\$ 11 milhões. A nova Coroa Vermelha começa fora da reserva indígena, onde, num terminal turístico, os comerciantes de artesanato e os vendedores de comidas típicas, não-índios, foram acomodados — um grande solar de 3.800 metros quadrados. Logo que se entra na área indígena, vê-se o centro comercial para os pataxós, hábeis artesãos de madeira e malha, com a mesma área de 3.800 metros quadrados do terminal turístico, mais 74 lojas e o anfiteatro para apre-

sentações folclóricas e outras manifestações culturais.

Adiante, o Museu Indígena, com mil metros quadrados e um resumo da infinita riqueza cultural dos primeiros herdeiros da terra brasileira. A seguir, o visitante alcança a grande praça da Cruz Monumental, evocativa da primeira missa no Brasil. Concebida por Mário Cravo, glória artística da Bahia e do Brasil, a cruz de 16 metros de altura é de metal cinza, cor de prata e cintila à luz do sol, sobre pedestal onde se lê: "O Brasil renasce onde nasce". No mar, além dos coqueirais e da praia despoluída, ficará a Nau Capitânia, réplica daquela que nos trouxe Cabral, espécie de museu flutuante, capaz de navegar em circuitos turísticos e culturais, pois, no interior, é uma embarcação moderna.

Mas não nos detivemos apenas naquilo que brilha pela beleza. Para a

construção do novo parque no local do encontro entre índios e portugueses, foi necessária a desocupação da área, socialmente conflituada. Ergueram-se 278 casas para não-índios, em outro local, fora do parque. Demolimos seus antigos endereços. Para índios, ergueram-se 150 casas. Foram recicladas outras cem, de brancos, removidos sem qualquer conflito.

Também investimos em Porto Seguro. Um recém-construído Centro de Convenções será o palco da grande celebração nacional. Ali foram depositados R\$ 15,5 milhões, num projeto de geração de emprego e renda para a região, que já conta com 29 mil leitos de hotéis e pousadas e precisa de animação fora das temporadas de mar e praia — e poderá tê-las com eventos no Centro. Foi revitalizada e integralmente restaurada a antiga Vila de Nossa Senhora da Pena, uma das nossas primeiras povoações. Agora, a idéia é transformar a área indígena da Jaqueira, por sugestão dos pataxós locais, sobretudo os mais jovens, em projeto de eco-turismo, voltado para a contemplação da flora e da fauna, da culinária e das tradições tribais. Cursos do Sébrae estiveram à disposição de índios e não-índios, de modo a qualificá-los, mesmo depois das festas destes dias, para a invenção do próprio futuro, pelo turismo ecológico e cultural.

Com o mesmo objetivo, o Comitê Executivo Brasil 500 Anos trabalha em outras regiões do país por marcos da comemoração. Comemorar é conhecer. É promover o povo. Índios, nós queremos lembrá-los vivos, saudáveis, sempre. Capazes de decidir o seu próprio futuro, como os pataxós da Coroa Vermelha, em condições de superar a exclusão social e se firmar como protagonistas de um projeto cultural próprio.

RAFAEL GRECA é ministro do Esporte e Turismo.

